

FUCK, Irmã Clea, *Eduardo Michelis, Presbítero, Fundador da Congregação das Irmãs da Divina Providência*, Blumenau, Ed. Nova Letra, 2005, 20,5 x 14,5cm, 216 p.

*Ney Brasil Pereira**

É impressionante como certas pessoas fazem história, vivendo intensamente cada minuto de sua existência. EDUARDO MICHELIS, nascido em 1813 e falecido em 1855 com apenas 42 anos de idade, é uma dessas pessoas. No sesquicentenário de seu falecimento prematuro, sua memória acaba de ser resgatada por uma das Irmãs da Congregação que ele fundou, Irmã Clea Fuck. Irmã Clea não esconde sua admiração pelo biografado, cujo nome, para ela, é “um nome imortal”. Para ela e para tantos que conheceram e admiraram EDUARDO MICHELIS, como é o caso de quem, pouco após seu falecimento, escreveu: “Mais indestrutível que a pedra e o bronze, mais duradoura que o monumento no cemitério, será a sua própria memória, será a lembrança do seu nome, que sobreviverá entre nós.” (p. 158) Vale a pena, nesse sentido, reproduzir aqui os parágrafos conclusivos do livro:

“Trajetória fugaz, a do ser humano sobre a terra. Incontáveis, milhares de nomes apagam-se, todos os anos, no anonimato de uma sepultura. Incontáveis, milhares de nomes, embora gravados a ouro no mármore dos cemitérios, diluem-se, todos os anos, na memória de quem os conheceu e amou.

O nome do humilde sacerdote, cuja trajetória terrena se encerrou obscuramente, há um século e meio, em terra estranha, longe dos seus, sobrevive na perpetuidade de uma imensa gratidão. O nome de EDUARDO MICHELIS – mais que no bronze dos monumentos – eternizou-se em sua obra, que floresce hoje na pátria de muitos povos.

Milhares de *Irmãs da Divina Providência*, de ontem e de hoje, em centenas de obras e atividades, em quatro continentes, fizeram e fazem o

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.



que EDUARDO MICHELIS não conseguiu realizar em sua breve e atribulada vida terrena.

E os vinte órfãos daquele humilde começo multiplicaram-se nas dezenas e centenas de milhares de órfãos, de pobres, de idosos, de doentes, de crianças e jovens, de alunos e alunas de todas as idades e condições, de companheiros e companheiras de tantas línguas e culturas, em tantos caminhos da Igreja, que, sob a égide de EDUARDO MICHELIS, se acolheram e acolhem à sombra da grande árvore sesquicentenária da “Divina Providência”, nascida daquela humilde semente lançada no solo abençoado de Münster naquele memorável 3 de novembro de 1842” (p. 213)

Muito bem elaborado, lê-se o livro com interesse, do começo ao fim. A autora distribuiu muito bem as matérias, começando com a apresentação dos vários passos, geográficos e históricos, da biografia, situada na primeira metade do século XIX, para concluir com uma avaliação de vários aspectos marcantes do biografado.

É significativa a síntese que Irmã Clea apresenta, no prólogo, do “caminho” de EDUARDO MICHELIS, “um caminho muitas vezes bifurcado, contra a sua vontade e seus projetos. Quando, em *Münster*, pensa aprofundar os estudos para ocupar uma cátedra de Teologia, o caminho o leva a *Colônia*, numa função executiva. Quando, em *Colônia*, pensa em imprimir a sua nota pessoal a iniciativas pastorais, o caminho o leva à prisão, em *Minden*. Quando, aí, pensa ser presença e conforto para o seu Arcebispo, preso com ele, o caminho o leva para mais longe, para *Magdeburgo*. Quando pensa em voltar, enfim livre, para *Münster*, o caminho o leva a *Erfurt*, em novo exílio. Quando, de volta a *Münster*, aí fundara uma Congregação religiosa, a qual, certamente, previa acompanhar em seu crescimento com a força do seu carisma, o caminho o leva ao *Luxemburgo*, fora do seu país, e última estação do seu longo – e tão breve – peregrinar pelos caminhos da Providência” (p. 12).

Além das Notas Introdutórias e do Prólogo, o livro se estrutura em sete capítulos, cujos títulos e subtítulos dão excelente idéia do seu conteúdo. Assim, o 1º capítulo, intitulado “Os anos de Münster”, aborda o nascimento e a família; a infância e a adolescência; o jovem, estudante e poeta; o vocacionado, a caminho do sacerdócio. O 2º capítulo, “Os anos de Colônia”, descreve o início da nova missão, com uma moldura do espaço e do tempo; a questão político-religiosa; o Arcebispo e seu Secretário, protagonistas da “questão de Colônia”. O 3º capítulo se ocupa



com “Os anos de prisão”: prisioneiro político em Minden; reação da opinião pública; reação de Roma; prisioneiro político em Magdeburgo; prisioneiro político em Erfurt. No 4º capítulo se descrevem “Os anos de Fundador”: volta a Münster, repouso e trabalho; fundador de Congregação religiosa. O 5º capítulo aborda “Os anos do Luxemburgo – fim dos anos terrenos”: novo campo de ação, novos conflitos; volta ao Pai; necrológios. No 6º capítulo a autora se debruça sobre os aspectos mais marcantes do seu biografado, destacando quatro deles: Michelis, homem de oração; Michelis, homem de Igreja; Michelis, filho e irmão; Michelis, homem culto. O 7º capítulo, intitulado “À guisa de conclusão”, aborda as “memórias de uma vida”, e faz o epílogo, com dois poemas e uma página conclusiva.

Uma das grandes riquezas deste livro é sua constante referência às fontes, especialmente aos escritos do próprio biografado: suas cartas, trechos do seu diário, excertos de seus artigos e livros. Perpassando esses testemunhos pessoais de admirável franqueza, o leitor se deixa fascinar, irresistivelmente, pela grandeza desta extraordinária figura humana e eclesial que foi EDUARDO MICHELIS.

O texto foi cuidadosamente revisado, quase não tendo escapado falhas. Anotei as seguintes: 1) na p. 74, no fim da primeira alínea, deveria ser “o Papa de então” ou “o Papa contemporâneo”, não “o Papa atual”; 2) na p. 107, no fim da segunda alínea, deve ser, naturalmente, “quisesse”, não “quesesse”; 3) na p. 141, na penúltima alínea, deve ser “quando se dirigira”, não “quando se dirisse”; 4) na p. 182, na última linha da página, deve ser “nestes”, não “nesses”; 5) na p. 183, no fim da terceira alínea, deve ser “os acompanhava”, não “o acompanhava”.

Parabéns à Irmã Clea pelo excelente livro, elaborado com carinho e entusiasmo, e fruto de cuidadosa pesquisa de que dão prova todas as suas páginas. O livro é uma digna comemoração do sesquicentenário de falecimento do ilustre biografado.



**BÍBLIA SAGRADA, Nova tradução na Linguagem de Hoje,
São Paulo, Edições Paulinas, 2005, 21cm x 13,5, 1472 p.**

*Ney Brasil Pereira**

Mais uma edição da Bíblia aqui no Brasil. A novidade está no subtítulo, “*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*” (NTLH), e também no fato de que a edição é na realidade uma co-edição, de alcance ecumênico, de Edições Paulinas, católica, com a Sociedade Bíblica do Brasil, SBB, protestante.

Os tradutores não são identificados nominalmente. Mas se informa que os Direitos Autorais, quanto aos “Textos canônicos do Antigo e do Novo Testamento, com as Introduções, Notas e Auxílios ao Leitor”, são da SBB, desde 2000, cedidos agora, em 2005, com Direitos Reservados, para Paulinas Editora. Informa-se também que os Direitos dos “Textos deuterocanônicos (Tobias, Judite, Adições a Ester, 1 e 2 Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque e Adições a Daniel”, com as “Introduções e Notas”, são das Sociedades Bíblicas Unidas, SBU, desde 2003, cedidos agora, em 2005, com Direitos Reservados, para Paulinas Editora.

A edição conta com a Apresentação de Dom Eugênio Rixen, Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação bíblico-catequética, o qual, em data de 10-12-2004, assim conclui as suas palavras: “Ao recomendar esta edição aos fiéis católicos, desejamos que as Sagradas Escrituras sejam fonte de vida, de comunhão entre os cristãos, alimentem nossa vida de oração e favoreçam o diálogo entre as Igrejas cristãs. Parabenzamos a Paulinas Editora pela publicação da “Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje”. Apreciamos o esforço de traduzir a Sagrada Escritura em linguagem atual, acessível ao leitor contemporâneo e à sua cultura”.

No Prefácio, não assinado, em data de janeiro de 2005, resume-se a história da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Recorda-se que o empreendimento começou em 1973, com o lançamento do Novo Testamento em *Tradução na Linguagem de Hoje* (TLH). Quinze anos depois, em 1988, era lançada toda a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH),

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC



sem os deuterocanônicos. Doze anos depois, em 2000, após cuidadosa revisão, foi lançada a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, (NTLH), ainda sem os deuterocanônicos, embora também eles tivessem sido traduzidos.

Como lembra o prefaciador, “os princípios seguidos na NTLH, como já na TLH, são os princípios de tradução de ‘equivalência funcional’, em que se reproduz o sentido dos textos originais hebraico, aramaico e grego, expressando-o de maneira simples e natural, como fala a maioria da população”.

O prefaciador apresenta também os recursos desta edição: 1) Introdução para cada livro, com dados relevantes sobre o seu autor e o contexto histórico em que surgiu, bem como a sua mensagem central; 2) Esquema do conteúdo, destacando os principais assuntos e divisões de cada livro; 3) Referências paralelas, no rodapé, possibilitando ao leitor a consulta de outras passagens bíblicas relacionadas ao assunto; 4) Notas explicativas, no rodapé, com variantes textuais e traduções alternativas; 5) Vocabulário, com esclarecimento de termos importantes; 6) Mapas, permitindo que o leitor situe geograficamente os acontecimentos narrados nas páginas da Bíblia.

Quanto aos deuterocanônicos, o prefaciador informa que, de 2002 a 2003, houve a colaboração de peritos católicos, designados pela CNBB, para a sua revisão, sendo os demais livros bíblicos “igualmente apreciados pela CNBB”. A recomendação para o uso da NTLH foi oficializada em 25-3-2003 por Dom Francisco Javier Hernandez Arnedo, então Bispo responsável pela dimensão bíblico-catequética da CNBB. São suas estas palavras:

“Esta tradução, além de manter uma fidelidade irrestrita aos textos originais, representa um significativo esforço por adequar-se à cultura e linguagem do homem contemporâneo, facilitando aos fiéis a compreensão dos conteúdos da Revelação de Deus e permitindo-lhes uma maior familiaridade com a sua Palavra (cf Dei Verbum, 25). Ao recomendar esta edição aos fiéis católicos de língua portuguesa, no Brasil e na África, expressamos nosso singelo desejo de que as Sagradas Escrituras sejam, não só fonte perene de espiritualidade para todos os cristãos, mas, também, um lugar privilegiado de encontro e diálogo entre as Igrejas cristãs. É a Palavra de Deus que nos pode dar a todos a Sabedoria que leva à salvação, pela fé em Cristo Jesus (cf 2Tm 3,15)”.



E o prefaciador conclui: “A Bíblia, com o texto da NTLH, está aí, portanto, para o uso comunitário e individual, familiar e geral, para a catequese, a liturgia e o estudo pessoal, trazendo os escritos bíblicos na linguagem simples do povo.”

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral

Obra católica similar à *Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, é a *Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*. Lançada em março de 1990, pela Editora Paulus, encontra-se já, no exemplar que tenho agora em mãos, na 56ª reimpressão. É um sucesso editorial inegável. Recordo o furor que causaram, no lançamento, suas Notas de rodapé, e igualmente o “Pequeno Vocabulário”, depois supresso, considerados esquerdistas demais. Quanto à Tradução, os editores observam o seguinte: “Conservando a fidelidade aos textos originais, procuramos traduzi-los em linguagem corrente, evitando construções rebuscadas e palavras de uso menos comum”. Quanto às Notas, alerta-se o seguinte: “Elas não pretendem esgotar o assunto, nem se apresentam como normas rígidas para a leitura do trecho: pelo contrário, são apenas início de reflexão. Nasceram de exame minucioso do texto, à luz da recente literatura disponível sobre o assunto tratado...” Última observação dos editores, reimpressa até hoje: “Não é nossa pretensão ter realizado um trabalho completo e intocável. Solicitamos, por isso, que os leitores nos enviem observações e sugestões, que serão muito úteis para aprimorar o trabalho até aqui realizado.”

Um julgamento severo

Voltando agora à *Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, surpreendeu-me a recensão feita pelo beneditino Estevão Bettencourt na sua apreciada publicação mensal, a revista “Pergunte e Responderemos”, das Ed. Lumen Christi, do Rio de Janeiro, no No. 523, de janeiro de 2006, pp. 7-14.

Reproduzo a síntese da recensão, relativamente longa, devidamente detalhada e fundamentada: “A ‘Bíblia na Linguagem de Hoje’¹ é uma tentativa de traduzir em linguagem popular o texto sagrado para torná-lo

1 E. Bettencourt fala da “Bíblia na Linguagem de Hoje” (BLH), mas de fato quer referir-se à “Nova Tradução na Linguagem de Hoje” (NTLH)



acessível ao grande público. A intenção dos tradutores é louvável, mas a obra é infeliz, pois, mais do que uma tradução, fizeram uma interpretação, por vezes nitidamente protestante. Além do quê, a adaptação do texto sagrado ao vocabulário popular faz que o novo texto deixe de apresentar termos bíblicos ricos de conotações e temas teológicos como ‘Tradição, depósito, mistério...’; assim empalidece a mensagem bíblica em vez de ser levada ao povo simples. A solução para o problema da difusão da Bíblia está, antes, em conservar o vocabulário típico e rico do texto sagrado, munindo-o, porém, de notas explicativas em rodapé, a fim de que o leitor não iniciado cresça em cultura bíblica, em vez de ser deixado na sua exígua cultura, com empobrecimento da mensagem sagrada.”

Reproduzo também a Conclusão da recensão, após uma Avaliação em 10 pontos: “Deixando de lado outras várias observações, concluímos que a BLH não é simplesmente uma tradução, mas vem a ser, em mais de um caso, uma interpretação. Verdade é que todo tradutor tem não raro que interpretar o texto que ele verte. Todavia este fato ocorre com mais frequência e mais sérias conseqüências quando o tradutor, de caso pensado, procura evitar vocábulos consagrados pelo uso, como se dá na BLH. E diga-se de passagem: a interpretação dada ao texto da BLH, cá e lá, é evidentemente protestante. – Daí não se poder recomendar o uso da BLH nem para católicos, nem para protestantes, pois uns e outros necessitam, antes do mais, de ler o texto bíblico na sua identidade tão objetiva quanto possível.”

Continua a Conclusão: “Ademais, pode-se indagar se é oportuno usar linguagem rude (às vezes incorreta) na tradução da Sagrada Escritura. Está claro que esta não deve ser proposta ao grande público em linguagem rebuscada ou ‘preciosa’, mas, apesar de tudo, há de valer-se de vocabulário e estilo de bom timbre, condizentes com a dignidade da mensagem bíblica. O próprio povo aspira a elevar seu nível de cultura, de modo que só poderá mostrar-se grato a quem o ajude a compreender um bom linguajar português que não deixe de ser simples. Julgamos, pois, que não se devem evitar as palavras técnicas do vocabulário bíblico como *Evangelho*, *justificação*, *mistério*... e outras muitas, pois têm suas conotações que outras, tidas como equivalentes, não possuem; o que elas possam apresentar de insólito, seja explicado ao pé da página do texto bíblico ou em glossário próprio, de modo que percam sua estranheza para o leitor não iniciado. Eis o que nos convinha observar, em termos sumários, a respeito da BLH.”



Que dizer da opinião do redator de “Pergunte e Responderemos”? De minha parte, observo duas coisas: 1) É uma opinião que deve ser levada em conta, dado o conhecimento, a habilitação e o currículo do recensor, que fundamenta com detalhes a sua posição. Uma posição, aliás, que decididamente diverge da aprovação dada pela CNBB. 2) Quanto à acusação de protestantização do texto, creio que ela, da maneira como é feita, não contribui para o diálogo ecumênico. O questionamento do recensor poderia, deveria, ter sido expresso de maneira menos contundente.

Problema atual, problema antigo

A dificuldade de traduzir está há muito tempo expressa pelo aforisma italiano *traduttore, traditore*, segundo o qual o tradutor pode ser um traidor, isto é, ele muitas vezes “traí”, não consegue ser fiel ao sentido do texto que traduz. Em relação ao texto bíblico, temos na própria Bíblia o testemunho de um tradutor do hebraico para o grego, no final do século II antes de Cristo. Trata-se do neto de Ben Sirá, o Sirácida, que comenta sua própria tradução do livro do avô, o livro deuterocanônico posteriormente chamado de “Eclesiástico”. Veja-se o que ele diz do seu trabalho (cito o texto da NTLH): “Fiz todo o possível para traduzi-lo bem. Mas, mesmo assim, se parecer que não fui feliz na tradução de algumas passagens, peço que me desculpem. É que as coisas escritas em hebraico não têm exatamente o mesmo sentido quando são traduzidas para outra língua. Isso não acontece somente com este livro que traduzi: a própria Lei, os livros dos Profetas e os outros livros são bem diferentes quando lidos na língua em que foram escritos.”

Isto dizia o neto de Ben Sirá comentando o próprio trabalho e referindo-se à primeira tradução da Bíblia, realizada em Alexandria desde meados do século III antes de Cristo, tradução depois chamada de “Septuaginta”, ou seja, a tradução dos “Setenta”, segundo informação da carta de Aristéias. Essa dificuldade, quase impossibilidade, às vezes, de traduzir, não impediu que se continuasse traduzindo, dada a barreira lingüística entre o texto bíblico e seus cada vez mais numerosos destinatários. Os rabinos helenistas do século II depois de Cristo, considerando tendenciosa a Septuaginta, então apropriada pelos cristãos, produziram mais três versões gregas. Surgiram as versões latinas antigas e, depois, a Vulgata de Jerônimo. Depois, no final da Idade Média, as primeiras versões nas línguas modernas. E hoje, com todos os recursos da lingüística e da técnica, não se pára de traduzir.



Assim, também a CNBB produziu a sua tradução da Bíblia, para uso oficial da Igreja Católica no Brasil. É a *Bíblia Sagrada – Tradução da CNBB*. Lançada em 2001, e numa segunda edição em 2002, ela continua em processo de revisão. Como recomenda o concílio Vaticano II (*Dei Verbum*, n. 22), a tradução da CNBB se baseia nos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos, cotejados criteriosamente com a Nova Vulgata, ela mesma baseada nos documentos originais. A apresentação desta segunda edição recorda que ela “se destina à leitura proclamada, à formação e à oração, à citação em documentos e à preparação das edições litúrgicas e, graças à dupla numeração de versículos, ao uso ecumênico. Mantém a segunda pessoa *tu/vós*, que dá maior clareza à proclamação e implica os pronomes correspondentes (*te/vos, teu/vosso*). Conforme o princípio de que o sentido literal seja compreendido, se possível, na hora da leitura ou proclamação, foram evitados certos termos, mesmo tradicionais (como *homem*, quando se quer dizer o ser humano em geral), que poderiam induzir uma compreensão espontânea não visada pelo original.” A apresentação conclui afirmando que “a tradução sempre terá de respeitar, o mais possível, o teor do texto original, deixando a explicação e a atualização para a homilia, a catequese e a formação permanente da fé”.

Conclusão

Não tive tempo para uma leitura mais abrangente de todo o texto da *Bíblia Sagrada – Nova tradução na Linguagem de Hoje*. Mas penso que, no conjunto das traduções atualmente publicadas no Brasil, ela aparece como o resultado de um trabalho cuidadoso, persistente, de uma equipe abalizada, que levou em conta semelhantes “traduções na linguagem de hoje” em outras línguas, e agora oferece ao leitor cristão brasileiro, evangélico e católico, esta leitura que se pretende atualizada da eterna Palavra de Deus.

Quanto à “atualização” da Palavra, pessoalmente faço grandes reservas a certo tipo de atualização ou simplificação. Será que realmente contribui para o melhor entendimento a substituição de *princípio* por “começo”, *serpente* por “cobra”, *óleo* por “azeite”, *evangelho* por “boa notícia”, *justos e injustos* por “bons e maus”, *mistério* por “segredo”, *tomar* por “pegar”, *manto* por “roupa” etc etc? Não me parece válida, por exemplo, por uma série de detalhes, a tradução de Os 6,6: *Eu quero que vocês me amem e não que me ofereçam sacrifícios; em vez de me trazer ofertas queimadas, eu prefiro que o meu povo me obedeça...* Onde



ficaram os conceitos de misericórdia/solidariedade interumana (hebr. *hesed*) e o do verdadeiro “conhecimento de Deus”, que leva à prática da justiça (cf Jr 22,16)? Da mesma forma, a tradução das Bem-aventuranças em Mateus deixa muito a desejar: é um caso típico em que uma interpretação determinada impede de o leitor ou ouvinte abrir-se para todas as implicações do original. Assim, não me parece exato que os *pobres no espírito* (Mt 5,3) sejam “os que sabem que são espiritualmente pobres”. Da mesma forma, a *fome e sede da justiça* (Mt 5,6) é muito mais do que “a fome e sede de fazer a vontade de Deus”...

Repito. Haveria muita coisa a discutir nos detalhes, assim como também as há, evidentemente, nas outras traduções. Jamais chegaremos a uma tradução perfeita. E neste sentido também não é perfeita esta *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Mas é uma alternativa valiosa, preciosa, bem-vinda, que poderá vir a ser aperfeiçoada, e que certamente fará muito bem. Neste sentido, alegro-me e congratulo-me com a Sociedade Bíblica do Brasil e as Edições Paulinas por este significativo e oportuno trabalho de co-edição.

Endereço do Recensor:
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br